Eixo 9: Políticas públicas de Educação Inclusiva e Educação Especial
Resumo expandido

Alfabetização e letramento de crianças surdas: considerações sobre o ensino das escritas ELIS E SEL

Wasley de Jesus Santos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO - IF BAIANO
Professor de Libras do Instituto Federal Baiano (IF Baiano). Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: wasleyjsantos@gmail.com

Rayan Soares dos Santos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO - IF BAIANO
Professor de Libras do Instituto Federal Baiano (IF Baiano). Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Licenciado em Letras: Libras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: rayansoaresdossantos@gmail.com

Daniele dos Santos Barreto

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO - IF BAIANO
Professora de Libras do Instituto Federal Baiano (IF Baiano). Doutoranda e mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). danibarreto1@hotmail.com

Resumo: Nosso trabalho versa, a partir de um posicionamento de política linguística, sobre os processos de alfabetização e de letramento de crianças surdas com o objetivo principal de explicar algumas razões por que devemos alfabetizar letrando crianças surdas na escrita de língua de sinais desde a primeira infância. Entendemos aqui que o ambiente mais adequado para esses dois processos ocorrerem é na escola ou classe bilíngue, tendo em vista que esses espaços consideram as especificidades linguístico-culturais dos surdos e priorizam o ensino mediado na língua materna desses sujeitos, a libras. Por meio de revisão de literatura, este trabalho busca responder a três questões, quais sejam: (i) por que alfabetizar letrando numa escrita de língua de sinais? (ii) por que os sistemas ELiS ou SEL? (iii) por que na primeira infância? Como ainda são parcas as pesquisas sobre aquisição e desenvolvimento da escrita de libras por crianças surdas no Brasil, este trabalho contribui para os insumos das investigações nessa área. Não apenas isso, uma vez que usamos a ELiS e a SEL como âncoras de política linguística, então nosso trabalho também contribui para a difusão desses dois sistemas de escrita para as línguas de sinais, aqui – em especial – para a libras.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento, Bilinguismo, Criança surda, Escrita de sinais, Política linguística.

INTRODUÇÃO

Há décadas, o Brasil vem se preocupando com a educação de pessoas surdas, seja

na Educação Infantil ou na Educação de Jovens e Adultos, seja no contexto de escola comum, pela proposta de inclusão escolar, seja em escola/classe especial, pela proposta de educação bilíngue. Entretanto, ainda não há consenso sobre a decisão de qual modelo de escolarização seja o mais adequado para essa população.

Acerca disso, posicionamo-nos, neste trabalho, ancorados em nosso referencial teórico, a favor da educação de surdos em escola ou classe bilíngue, com pares surdos e com ensino na língua materna desses sujeitos. Então – a partir disso – objetivamos explicar algumas razões pelas quais crianças surdas devem ser alfabetizadas e letradas, desde a primeira infância, numa escrita de língua de sinais (LS) e justificamos nossa preferência pelos sistemas brasileiros ELiS e SEL.

Assim sendo, na próxima seção, descrevemos muito sumariamente esses dois sistemas de escrita e, na seção posterior, focamos nas razões da alfabetização e letramento de crianças surdas tendo a escrita de LS como ponto de partida.

OS SISTEMAS DE ESCRITA DE SINAIS ELiS e SEL

Atualmente, no Brasil, há quatro sistemas de escritas de sinais, a saber: o Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), criado no ano de 1998 por Mariângela Estelita Barros (BARROS, 2015), o Sistema de Escrita para Línguas de Sinais (SEL), criado em 2009 por Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012), a *SignWriting* (SW), criado em 1974 por Valerie Sutton, e a Escrita Visogramada das Línguas de Sinais (Visografia), elaborada em 2016 por Claudio Alves Benassi.

Neste trabalho, utilizamos a ELiS e a SEL pelos seguintes motivos: (1) porque são sistemas de escrita lineares com base fonológica – seguem o mesmo padrão de escrita da grande maioria das línguas naturais e permitem uma lógica para o ensino e a aprendizagem; (2) representam o grupo das Expressões Não-Manuais (ENMs) das LS por meio de caracteres (ou visografemas) e diacríticos ([d]); (3) são sistemas de escrita brasileiros criados exclusivamente para o registro das LS; e (4) são sistemas elaborados por linguistas brasileiras pesquisadoras da língua brasileira de sinais – libras.

A ELiS é constituída por 95 visografemas que são divididos em quatros grupos de

elementos visuais, a saber: Configuração de Dedo (CD) com 10 visografemas, Orientação da Palma com 6 visografemas, Ponto de Articulação - ou Locação - (PA/L) com 35 visografemas, Movimento (M) com 44 visografemas. O registro escrito de um sinal em ELiS é realizado seguindo a sequência dos grupos e da esquerda para direita CD^d+OP+PA^d+M^d, no caso de sinais constituídos pelos quatro grupos, mas há sinais formados por três grupos (CD^d+OP+PA^d) e, ainda, há raros sinais com somente um grupo de visografemas (e.g. a palavra "roubar" em libras que apresenta somente o grupo de M^d).

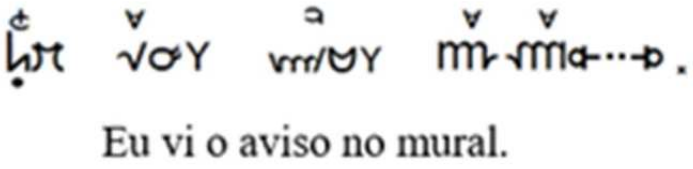
Figura 1. Exemplo de sentença em ELiS



Fonte: Autoria própria (adaptado de SANTOS, 2019, p. 100)

Já a SEL é constituída por 259 caracteres que são divididos em três grupos de macrossegmentos, a saber: Configuração de Mão (M), com 52 caracteres; Locação (L), com 27 caracteres e Movimento (Mov), com 180 caracteres. O registro escrito de um sinal em SEL é realizado seguindo a sequência dos grupos e da esquerda para direita M^d +L^d+Mov^d (outras possibilidades de combinação entre os macrossigmentos: M^dL^d; M^dMov^d; M^d).

Figura 2. Exemplo de sentença em SEL



Fonte: Santos (2019, p. 100)

Os sistemas de escrita ELiS e SEL possuem vários trabalhos[1] de pesquisa em que são

[1] Ver a pesquisa de Barreto (2020) e a obra Santos (2019).

apresentados esses sistemas, bem como a divulgação dos mesmos em diferentes gêneros textuais[1]. Ademais, os sistemas passaram por um rigoroso aprimoramento e já foram testados (e validados) com pessoas surdas de diferentes idades e em diferentes níveis de escolaridade.

RAZÕES POR QUE DEVEMOS ALFABETIZAR LETRANDO CRIANÇAS SURDAS NA ESCRITA DA LIBRAS DESDE A PRIMEIRA INFÂNCIA

As atividades de leitura e escrita, em nossa comunidade grafocêntrica, são exigidas em diversos espaços e ocasiões. Coadunamos com Barreto (2020, p.21) quanto à importância capital do conhecimento metalinguístico do indivíduo como mecanismo de ampliação do trânsito mais fluente entre as modalidades falada e escrita, não se tratando apenas de atividades de codificação e decodificação mecanizadas, mas de letramento (SOARES, 2020), ou seja, compreensão dos usos sociais da escrita.

Nesse sentido, o processo de alfabetizar letrando é um desafio, pois, conforme o Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf (2018), apenas 12% da população brasileira, entre 15 e 64 anos, é proficiente e está no topo da escala de alfabetismo funcional, ou seja, é capaz de elaborar textos mais complexos e opinar a respeito do posicionamento ou estilo do autor do texto, apta na resolução de situações-problema referentes a tarefas de contextos diversos, envolvendo "diversas etapas de planejamento, controle e elaboração e que exigem retomada de resultados parciais e o uso de inferências" (INAF, 2018, n.p.). Ao mesmo tempo, 22% da população brasileira, na mesma faixa etária anterior, apresenta alfabetismo rudimentar, sendo capaz de "localizar informações explícitas, expressas de forma literal, em textos compostos essencialmente de sentenças ou palavras que exploram situações familiares do cotidiano" (Idem, n.p.).

Pressupondo-se que a manifestação de criatividade é constitutiva da prática de escrita, o desafio de alfabetizar letrando, isto é, manifestando tal criatividade, se extenua ao trazermos à tela a condição de comunidades ágrafas inseridas em contextos letrados, como ocorre com as comunidades surdas brasileiras. Consideramos ágrafas, pois, apesar de existirem

[1] Como exemplo, podemos citar a adaptação literária feita por Santos e Barros (2021).

propostas[1] de escritas para línguas de sinais, tais escritas não estão presentes no cotidiano dessas comunidades.

A garantia legal de educação bilíngue aos surdos brasileiros, modalidade ofertada em libras, como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, conforme a mais recente alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2021), Art. 60-A, requer discussões e implementações de outros recursos além da modalidade de fala sinalizada, haja vista que o acesso da pessoa surda à língua portuguesa é apenas pela modalidade escrita.

A promoção de uma educação bilíngue para pessoas surdas deve extrapolar a exposição e circulação da modalidade de fala sinalizada da libras no ambiente escolar, como afirmam Karnopp (2011) e Cruz (2018), para também a aprendizagem de modalidade escrita dessa língua, pois, a partir da consciência metalinguística da libras, é possível acessar elementos metalinguísticos de uma segunda língua, como indicado no estudo inicial de Barreto (2020) a respeito dos efeitos da escrita SEL na consciência linguística no nível fonológico. Em experimento linguístico, Barreto (2020) aplicou o Teste de Consciência Fonológica da Estrutura M(Mão) L(Locação) Mov(Movimento) - TCFE-MLMov em grupos de sujeitos-informantes surdos e ouvintes adultos antes e após a aprendizagem inicial do sistema SEL.

Os resultados apontam que, na aplicação, os sujeitos-informantes ouvintes transferiram os conhecimentos que já tinham de sua primeira língua (português brasileiro) para o teste, enquanto os sujeitos-informantes surdos obtiveram, na reaplicação do teste, após o contato inicial com a escrita SEL, o reconhecimento e a comparação dos segmentos articulatórios da libras. Tais resultados apontam ainda que é possível a ancoragem da aprendizagem da segunda língua em sua modalidade escrita mediante a aprendizagem da escrita da primeira língua, o que envolve o trabalho de políticas linguísticas que considerem a inclusão de escritas de línguas de sinais no currículo da Educação Básica bilíngue para surdos.

[1] Conferir o trabalho de Silva *et al.* (2018).

A inserção, portanto, do ensino de escritas de línguas de sinais desde a Educação Infantil é de suma importância ao considerarmos que, como ocorre com as crianças ouvintes em contexto escolar, a interação entre a aprendizagem sistematizada e o desenvolvimento dos processos cognitivos na infância, também das pessoas surdas, segundo nos esclarece Soares (2020), possibilita a compreensão que a libras pode ser representada pela escrita e amplia a consciência fonológica de sua língua, conforme explica Cruz (2018), fomentando, assim, a reflexão sobre a própria língua, como também o contexto letrado em escrita alfabética da língua oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tratamos sinteticamente do processo de alfabetização e letramento de crianças surdas. Num posicionamento de política linguística, nosso propósito foi o de explicar alguns motivos por que devemos alfabetizar letrando crianças surdas em escritas de língua de sinais, em especial por meio da ELiS e/ou SEL. Tentamos responder a três questões, as quais conduziram nossos argumentos: o porquê de alfabetizar letrando numa escrita de língua de sinais, o porquê de preferirmos os sistemas ELiS ou SEL e, por fim, o porquê de ser na primeira infância.

Acreditamos, portanto, com base em nossos argumentos e à luz de nosso embasamento teórico, que o ambiente mais adequado para a alfabetização e o letramento ocorrerem é na escola ou classe bilíngue, tendo em vista que esses espaços consideram as especificidades linguístico-culturais dos surdos e priorizam o ensino mediado na língua materna desses sujeitos, a libras.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Daniele dos Santos. **Consciência fonológica e a escrita para a Libras SEL**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS**: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.

BRASIL. **Lei Nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em: 7 set. 2022.

CRUZ, Carina Rebello. Consciência fonológica da língua de sinais: implicações na linguagem e na leitura. **ReVEL**, *On-line*, v. 16, edição especial n. 15, p. 63-82, nov. 2018. Semestral. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/d471ee695e9be321208e0e1caa0c351f.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aspectos da Aquisição de Línguas de Sinais por Crianças Surdas. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 2, n. 44, p. 281-299, jul-dez, 2011. Semestral. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/1089/3. Acesso em: 8 set. 2022.

INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional. Habilidades funcionais, 2018. Disponível em: https://alfabetismofuncional.org.br. Acesso em: 21 set. 2022.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. **Estrita SEL – Sistema de Escrita para Línguas de Sinais**. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, 10 ago. 2012. Disponível em: http://sel-Libras.blogspot.com.br/. Acesso em: 26 set. 2022.

SANTOS, Rayan Soares dos; BARROS, Mariângela Estelita. **A rainha das abelhas**. [Adaptado da obra de] Contos dos Irmãos Grimm. Goiânia: Tutti Editora, 2021.

SANTOS, Wasley de Jesus. **Sobre nomes e verbos na interlíngua de surdos brasileiros**. Curitiba: CRV, 2019.

SILVA, Alan David Sousa *et al*. Os sistemas de escrita de sinais no Brasil. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis, v. 1, n. 23, p. 1-30, 2018. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2023%20de%20SOUSA%20SILVA%20e%20Outros.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

SOARES, Magda Becker. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.